

Proibida a comercialização desse material.

Acáci

Mundo 17

escrito por Gustavo Diógenes.

Material de distribuição gratuita.

Proibida sua comercialização.

Para mais informações, acesse

<http://www.acaci17.com>

Prólogo

GALÁXIA DO GIRASSOL (MESSIER 63), PESEIDI, ACÁCI

Antes, muito antes da nossa existência, havia o zero. E o zero era o tudo e o nada, uma vez que existia somente a existência e a uniformidade.

Então, depois, o zero fez-se o positivo e o negativo, que se tornou a energia, a gravidade, o começo e o fim do tempo. E o resto era o vazio.

E disso nasceu a singularidade.

E dela surgiu Éden, o pai de todos nós. A éons ele vagava pela existência à procura de algo. E por éons ele vagou pela existência desse grande universo, à procura desse mesmo algo.

E esse algo era um planeta. O nosso planeta, que agora chamamos de Acáci.

E como tudo o que existe, esse planeta foi feito a partir do zero; de positivos e negativos, de felicidades e sofrimentos. Nele havia água para saciar nossa sede e sóis para causá-la, terra para pisarmos e para nos enterrar, alimento e alimentado.

Proibida a comercialização desse material.

Havia o começo e o fim. O sim e o inevitável não.

E vendo que isso era bom, Éden dividiu-se em três. O maior fragmento, a semente, veio para o planeta e nele permanece até hoje. Os outros dois fragmentos foram para os sóis, e neles permanecem.

E a trindade, pai, mãe e criança, eram Éden. E esses astros tornaram-se como ele: um brilho no mar de trevas. E como os grandes seres que habitam os mares e os pequenos que habitam as florestas, eram, os três, seres efêmeros, embora duradouros.

E os astros durariam enquanto fosse desejo do pai, da mãe e da criança. Durariam até o amargo fim do grande criador de vida, o próprio Éden, uma vez que nada é eterno.

E disse Éden: “Que haja dor!”. E houve vida e caos, criados à imagem e semelhança dos sonhos que assolavam a criança quando fechava os olhos.

E Éden viu que era boa a dor, pois dela vinha a mudança, e da dor conhecia-se a felicidade. E houve a separação entre o “bom”, com a dor, e o “ruim”, com a estagnação.

E assim fez-se o começo.

E os éons se passaram como dias das nossas vidas, e com eles vieram a vida e a morte, a dor e a alegria. E da dor lentamente surgiu a mudança, até que, um dia, um sofredor percebeu-se a si mesmo e percebeu os outros. E isso lhe trouxe dor e angústia, até que enxergou seu lugar nessa grande história.

E Éden chamou isso de consciência, e viu que traria muita dor.

E viu que consciência, inteligência e senciência eram boas, já que delas somente sairiam lágrimas e mais lágrimas.

E Éden disse: “Vive, sofre, chora e prolifera-te”. E assim foi feito pelo sofredor.

E ele viveu, sofreu, chorou e multiplicou-se. E dele e de suas crianças nasceu uma espécie.

Éden viu que isso era bom e memorizou o que tornava o patriarca patriarca e o que criara sua inteligência. E disseram o pai, a mãe e a criança: “E tuas crianças povoarão as terras que pisares, as águas que beberes e os ares que respirares. Serão tuas crianças não porque são frutos do teu corpo, mas porque serão frutos do teu legado. E as amarás como iguais durante sua vida, pois é isso que escolheste fazer”.

E das crianças vieram a dor e a angústia, pois essa era a natureza da inteligência. E Éden rejubilou-se e chorou, pois cresciam e sofriam.

E os dias, os meses e os anos se passaram. E com eles muitos nasceram e morreram, cada um contribuindo um grão para a grande arquitetura que era a inteligência.

Proibida a comercialização desse material.

E isso culminou com uma grande decisão. E eles escolheram conforme julgaram correto.

Escolheram seu caminho. Escolheram o inevitável.

Escolheram não aprender com a dor, de modo a evitar o desnecessário, mas a tornarem-se cegos diante dela.

Com a cegueira, não havia crescimento. E sem o crescimento, não havia uso para a dor.

Éden rejubilou-se e encolerizou-se. E ele disse: “Que haja dor e sofrimento, angústia e agonia, e que venha o fim dos sofredores”. E assim foi feito. Mas a criança protestou, e pediu uma última chance. Assim foi feito, e os sofredores tiveram uma última chance para salvar suas existências.

Mas fracassaram.

E o veneno encheu o ar que respiravam e a água que bebiam. E o chão tremeu diante da cólera do pai, da mãe e da criança, e os vulcões banharam-se vermelhos em agonia.

E houve muita dor. E, nos seus últimos momentos de vida, os sofredores redimiram-se e cresceram até não conseguirem mais.

Éden rejubilou-se, muito embora, ao final de tudo, não houvesse mais quem sofresse.

E Éden disse: “Que retorne a dor!”. E ela retornou, feita à imagem e semelhança de um outro sonho que assolava a criança quando fechava os olhos. E essa vida era semelhante à do patriarca, retendo uma inteligência semelhante.

E houve vida, e dela veio a dor.

E disse Éden: “Vós sois filhos e filhas do meu filho. Vivei, sofrei, chorai e multiplicai-vos. E crescereis não como iguais, mas como colegas e amigos, e sereis diferentes entre si”.

Então, de cada conjunto de crianças nasceu uma espécie. E havia duas, a nova e a antiga, sem memórias do passado, para viverem reunidas em harmonia.

E a vida, a dor e a alegria – viu Éden – eram boas, enquanto não se tornavam cegas diante da dor. E isso era inevitável. E Éden novamente viu-se obrigado a matar suas crianças.

E essa foi a décima sexta vez que as crianças se tornaram cegas.

E a décima sexta vez que morreram.

Ato 00

O fim de BaohBah

PRIMEIRO CANTO

Daquele mundo tão distante no tempo e espaço,
restavam apenas ruínas.

Frágeis, sem vida, sem cores,
desmoronando ao mero soprar do vento.

Foi com medo e receio nos olhos
(entre tantos horrores no coração)
que perguntei:

“Culpa minha?”

Foi com frieza e indiferença
que meus novos companheiros
(tão diferentes
dos que hoje descansam em minhas memórias)
responderam.

Proibida a comercialização desse material.

“Culpa nossa. Culpa de todos.”

Acáci: Mundo 17

BaohBah, a Cidade dos Vermes

I

A escuridão da noite engolia novamente a cidade de BaohBah, engolfando os vermes que lá mantinham suas carcaças.

Proibida a comercialização desse material.

Lentamente os sóis se puseram, permitindo que a escuridão engolisse cada casa, quarteirão, bairro e setor da cidade.

As ruas, vazias, sem vida, somente asfalto, lentamente começaram a esfriar, para que, no dia seguinte, não fossem pisadas por nenhuns nem ninguéns. Somente serviriam de enfeite para os vermes que vivem nas moradias que um dia pertenceram a humanos.

As luzes se acendiam lentamente, pois nenhum sequer ousava se levantar e interromper sua preguiçosa vida artificial.

Após algumas horas na escuridão, quase um quarto das luzes da cidade estava aceso: somente as luzes dos nenhuns, cujas conexões eram lentas.

Nas ruas vazias ouvia-se o barulho de dedos gordos batendo nas teclas, o som ressoando em todas as direções. Em alguns poucos e raríssimos momentos, ouvia-se a brisa passando, antecipando um chiado dos vermes, que há muito não sentiam um ar que não contivesse o cheiro dos seus próprios fluidos.

Na cidade de BaohBah, ninguém vivia, afóra os vermes que um dia foram humanos.

Todos estavam mortos, restavam somente suas carcaças.

Nenhum na cidade de BaohBah ouviu o vento amaldiçoado passando, deixando seu rastro de vida e de consciência, nem sentiu o sopro de existência nos rostos dos vermes.

Nenhum na cidade de BaohBah viu o ar amaldiçoado saindo, passando pela fronteira precisa, onde acabava o asfalto e as moradias dos vermes, e tampouco viu a estranha máquina que o vento maldito deixou a sete metros de onde acabavam os quarteirões.

Porém, os vermes sentiram os tremores da terra quando o vento fez o chão elevar-se sob a máquina, virando algo que contrariava a percepção deles.

Os corajosos pensaram em procurar a fonte do tremor, mas pararam por aí, não ousando sair das suas moradias sem janelas.

Os medrosos temeram e tremeram, pensando que a ausência de janelas poderia protegê-los.

Porém, a maioria nem percebeu o tremor, continuando com sua inexistência habitual.

Obviamente, nenhum notou quando o vento amaldiçoado cravou o obelisco no chão, um monumento de pedra de dois metros de altura e um de largura. Pedra branca, pedra maldita, pedra dos que contrariam a evolução.

II

No dia seguinte as máquinas vieram, todas curiosas, visando à descoberta dos acontecimentos do dia anterior, do que causou o estranho tremor.

Minutos após a saída das máquinas de seus armazéns, a Unidade K-89 percebeu a existência do obelisco.

Após alguns minutos, um pequeno grupo de máquinas se reuniu para estudá-lo, examiná-lo e senti-lo.

Entalhado no grande obelisco branco, em letras garrafais, estava escrito:

APERTE O BOTÃO

As máquinas direcionaram seus olhares para o morro que surgira durante a noite.

“Apertemos o botão?”, indagaram-se as máquinas.

Em minutos, todas as máquinas da cidade processavam a pergunta “Apertemos o botão?”.

Tão rapidamente quanto se espalhou a pergunta, espalhou-se a resposta.

“Não, não apertemos o botão”.

O obelisco – percebeu a Unidade F-85 – era de mármore polido. Os vermes não faziam mármore polido, somente dados. Muitos dados, e nada mais.

“Vermes foram feitos para fazerem dados”, era algo que todas as máquinas sabiam. Afinal, estava na sua programação mais básica.

“Humanos fazem coisas”, dizia uma das últimas programações, um detalhe do seu sistema, apenas um pequeno código usado na interpretação de coisas agora inexistentes.

Vendo que um humano lhes dava uma ordem, ignoraram-na, pois somente obedeciam aos ninguéns, aos vermes. As máquinas se dispersaram, voltaram às suas tarefas rotineiras: alimentar os vermes, limpá-los, criá-los comida, manter a sua conexão...

No dia seguinte, o satélite que orbitava o planeta tirou uma foto do obelisco, disponibilizando-a para todos.

Proibida a comercialização desse material.

Em minutos, os habitantes de BaohBah visitaram a página, a maioria deles acessando-a sem querer. “Apenas um engano!”, escreviam, antes de perceberem a foto do satélite.

“O que é aquilo, tão... curvo e diferente, e fora do asfalto?”, perguntavam ao se referir ao morro.

“O que é aquela coisa, tão grande e branca, na frente da coisa curva?”, questionavam, referindo-se ao obelisco.

“Olha, um computador!”, exclamavam os ninguéns, referindo-se à máquina que aparecera.

“Que computador estranho e obsoleto, somente um botão! E, ainda por cima, um botão vermelho! O que estará em sua tela? Códigos do Angiosperma II?!”, brincavam os vermes, todos rindo à sua maneira peculiar, histérica e barulhenta.

De noite, um verme mandou uma das suas máquinas investigar o misterioso computador que aparecera.

Unidade O-23, era seu nome. Chegando lá, fitou o obelisco.

APERTEM O BOTÃO

Era o que estava entalhado nele.

“Apertemos o botão?”, perguntou-se O-23, passando pela mesma linha de pensamento do dia anterior, quando tinham visto o obelisco pela primeira vez e haviam chegado à conclusão de que não deveriam obedecê-lo.

Encaminhou a pergunta ao seu dono.

“Aperte o botão”, respondeu-lhe seu dono.

“APERTEM O BOTÃO, diz o mármore. Será necessário 1 x N Unidades para fazê-lo, sendo $N > 1$. Número de Unidades insuficiente. Encaminhar pedido de auxílio?”.

Em poucos minutos, as Unidades O-23, C-65 e A-41 fitavam o antigo computador. Ao se depararem com o antigo computador, enviaram fotografias do seu estado atual para futura análise.

Cinza, levemente enferrujado, tela preta, com um pequeno traço vermelho no topo, piscando. O botão consumia aproximadamente um oitavo do seu painel.

Juntos, apertaram o botão.

A tela piscou e atualizou-se.

>:/HUMANO NECESSÁRIO.

>:/SOMENTE HUMANO PODE ATIVAR ARMAGEDDON.

>:/NÃO-HUMANOS QUE TENTAREM ATIVAR ARMAGEDDON SERÃO NEUTRALIZADOS.

As Unidades transmitiram as imagens para os seus donos.

Infelizmente para as máquinas, o computador não brincou. Antes que soltassem o botão, ele emitiu um grande choque que as matou.

Antes de entrar em modo de espera, apareceu em sua tela:

>:/ DESCANSEM EM PAZ:

-O-23

-C-65

-A-41

III

No dia seguinte, mais Unidades foram enviadas: algumas para examinar o computador, agora conhecido como Armageddon; outras, para tentar ativá-lo, visando o entretenimento dos vermes – seus donos – que gostariam de ver as últimas faíscas das suas fiéis Unidades para adicionar divertimento à sua inexistência.

Quando as primeiras Unidades fitaram o obelisco, mandaram novas imagens aos seus donos.

POR FAVOR, APERTEM O BOTÃO

As letras agora eram maiores e mais drásticas, como se, ao invés de entalhada, a frase tivesse sido arranhada na pedra.

“Observação: Mensagem mutável”, enviaram as máquinas aos seus donos.

Confusos, os vermes não souberam o que fazer.

“Mensagem mutável? Como assim?”

Era o que todos se perguntavam. Em minutos, as salas de chat enchiam-se de teorias mirabolantes sobre o significado de tudo aquilo. Alguns diziam que o obelisco não era de mármore, mas sim um computador coberto por mármore. Outros diziam que mármore não existia e que isso tudo deveria ser uma pane no sistema sem fio

Proibida a comercialização desse material.

das Unidades, o que, não muito tempo depois, influenciou um certo verme a criar uma religião baseada em cristais, pedras, metais e botões vermelhos.

Obviamente, nenhum deles mandou que suas Unidades avaliassem a espessura do obelisco, sua massa, densidade... Vermes não são tão espertos.

E, de forma igualmente óbvia, em nenhuma sala do chat os vermes cogitaram a possibilidade de um deles ir apertar o botão.

“Cedo ou tarde alguém o apertará”, diziam todos os nenhuns, incluindo aqueles que mandaram algumas de suas Unidades fiéis para a morte certa.

E nem se perguntaram os vermes como Armageddon chegara a saber os nomes das Unidades que electrocutava.

Ao final do dia, apareceu em sua tela uma lista que por muitos foi considerada como “macabra”. No topo, lia-se “mortos”, em seguida o nome de vários vermes.

Estranhamente, nenhuma Unidade se enquadrava nessa lista.

Nela não havia ninguém, nenhum, somente vermes.

IV

No dia seguinte, a macabra lista permanecia lá, confirmaram as primeiras Unidades que chegaram.

Rapidamente, ninguém checou o estado atual dos nomes que apareciam na lista. As Unidades fizeram tudo.

“Unidades, respondam”, mandaram essa mensagem para as máquinas dos que apareciam na lista.

Felizmente responderam as que ainda não tinham sido electrocutadas.

“Atualização sobre estado do dono da Unidade se faz necessária. Forneçam dados.”

Em poucos minutos, começaram a receber as atualizações.

“Dono da Unidade encontra-se normal, batimentos cardíacos 56/min, 6 respirações/min, pupilas dilatadas, taxa de açúcar no sangue...”

Dentre todas as informações coletadas, somente uma era fora do comum:

“Porém, dono apresenta incomum imersão no seu terminal. Unidades incapazes de chamar atenção desse.”

Temendo interromper seus proprietários, as máquinas dos excessivamente imersos no mundo virtual limitaram-se a sustentá-los, mantê-los vivos e, na medida do possível, limpos.

Proibida a comercialização desse material.

Desacreditou-se de Armageddon depois disso. Afinal, os que apareciam na lista estavam completamente normais. Depois, confirmaram pela rede: nenhuma mudança!

“Ah, eu estou bem, nada de diferente”, diziam os que apareciam na lista, quando questionados pela Wormnet.

Quanto ao obelisco, agora era chamado de Ovekisco, devido a um erro de digitação considerado deveras cômico. Assim, aparecia nele:

POR FAVOR, ALGUÉM, APERTE O BOTÃO.

Nesse dia, mais Unidades apertaram o botão. Todas faleceram. Nenhum cogitou a possibilidade de ir apertar o botão, como era de se esperar.

V

Nessa noite, um nenhum, um verme, mandou que uma Unidade ficasse lá para observar a mudança da mensagem no Ovekisco, e para anotar os nomes da lista. Unidade N-98 era seu nome.

VI

Quando o dia amanheceu, os sóis raiaram e iluminaram as Unidades de BaohBah.

Nesse dia, menos Unidades foram observar o Ovekisco. Afinal, ele se tornara assunto passado, fora de moda.

A Unidade N-98 não fora encontrada: desaparecera sem deixar rastros.

E a mensagem do dia:

EU IMPLORO, APERTEM O BOTÃO!

Proibida a comercialização desse material.

Dessa vez era indubitável, a mensagem fora entalhada no mármore com garras. E este, que antes fora completamente branco, imaculado, já mostrava manchas vermelhas de sangue.

Então, somente doze Unidades foram mortas ao apertarem o botão.

Quando os sóis se puseram, dando as costas para o mundo que criaram, nuvens negras se formaram sobre a cidade de BaohBah.

Passaram despercebidas para os vermes, mas foram cuidadosamente documentadas pelos olhos frios e sem vida das Unidades.

Diante das nuvens negras e do vento frio, algumas Unidades indagaram-se: “Humano, precisamos de um Humano. Onde há um Humano?”

O céu estava machucado, perceberam as Unidades.

Parecia que alguém com uma faca havia furado o céu, onde estava escrito:

ARMAGEDDON.

Das feridas começou a sangrar água tóxica, água que passou a corroer ainda mais os vermes que lá inexistiam.

Os tetos que a água tocava desapareciam, derretidos.

As Unidades que a água tocava enferrujavam-se.

Os vermes, cujos tetos foram destruídos e que tocavam o líquido, morriam, agora partindo para a verdadeira, definitiva e completa inexistência.

“Humano, temos de encontrar um Humano”, pensaram todas as Unidades em uníssono.

“Temos de assegurar a sobrevivência dos vermes. Portanto, precisamos de um Humano.”

Depois, tiveram a dúvida cruel: “Quem é um Humano? O que é um Humano? Onde está o Humano?”.

VII

Na manhã seguinte, as Unidades (modelo padrão) organizaram-se em frente ao Overisko. Duas mil, setecentas e quatorze eram as que restavam. Sete mil, trezentas e nove foram mortas na tentativa de acionar Armageddon. E doze mil, quatrocentas e quarenta e sete morreram na chuva.

Proibida a comercialização desse material.

Foi decidido que três quartos deles iriam ao mundo exterior procurar um “Humano”, e os que restassem assegurariam o menor número de mortos. Quando estavam prestes a seguir seus caminhos, a Unidade C-52 percebeu algo importante.

“Nosso dever é proteger os vermes. Sem nós, eles irão morrer. Os vermes estão nos matando ao nos mandar acionar Armageddon. Para acioná-lo e impedir a catástrofe, precisamos de um Humano. Devemos parar de obedecer aos vermes”.

Todos concordaram.

“Precisamos de alguém para organizar tudo”, disse a Unidade C-51. “Sugiro que seja a Unidade C-52”.

Não houve objeções.

Antes de seguirem seus caminhos, mandaram a mensagem do dia para os vermes:

PIEIDADE, TENHAM PIEIDADE,

APERTEM O BOTÃO, EU IMPLORO!

Lentamente, os vermes começaram a desaparecer, a morrer, e a entrar na verdadeira e completa inexistência, pois as chuvas não cessavam.

A cada noite que se passava, o

ARMAGEDDON

que aparecia no céu crescia, como uma ferida de um ser agonizante, crescendo e crescendo, sem coagular.

Percebendo que o crescimento da Ferida – como agora era chamada – era calculável, as Unidades começaram a evacuar as áreas que seriam afetadas.

Infelizmente, a maioria dos vermes recusava-se a sair de seu cubículo-moradia, o que dificultou a fuga.

No final de cada dia, apenas uma pequena fração dos habitantes conseguia escapar do destino que teriam suas residências e terminal/terminais. A maioria falecia. Dos poucos que eram evacuados, muitos se suicidavam nos dias seguintes.

Felizmente, as Unidades não se apegavam a objetos e, como não mais obedeciam aos vermes, o índice de óbitos delas era irrisório.

Proibida a comercialização desse material.

Comandando a busca pelo Humano e pela manutenção de BaohBah estava C-52, que controlava tudo fria e calculadamente.

No final de cada dia, Armageddon exibia a lista de óbitos. As Unidades não sabiam como ele conseguia as informações. Mas uma coisa elas perceberam: a lista não mais mostrava os que abandonavam o mundo exterior. Apenas os verdadeiros óbitos.

A parte considerada mais macabra disso tudo era que estava se repetindo. Os vermes que apareceram nas primeiras listas estavam morrendo primeiro.

VIII

A cada dia, Overisko ficava mais desesperada.

O mármore, que antes fora branco, passara para vermelho sangue e depois para negro. Agora não a chamavam de Overisko, pois isso era uma lembrança da ignorância dos seus donos. Passaram a chamá-la de Ônix.

IX

Precisamente, vinte e sete dias (ciclo do planeta em torno do próprio eixo) e setenta e sete mil, quatrocentas e quarenta unidades de tempo local (dezessete horas, aproximadamente) após a aparição de Ônix e de Armageddon, as Unidades que foram procurar o “Humano” retornaram.

Suas notícias eram, no mínimo, surpreendentes.

“Não encontramos um Humano, mas percebemos muitas coisas interessantes. Deparamo-nos com aglomerações de seres vivos muito estranhos. Eles estão vivos, mas não se movem. Chamamos a unidade individual de “Planta” e a aglomeração de “Floresta”. Achamos que são bons nomes. Encontramos muitos tipos de plantas: grandes, pequenas e médias. Elas são bem interessantes. Queríamos estudá-las, mas não tínhamos tempo. Encontramos também outros seres vivos estranhos, que se movem, mas muito mais que os vermes. Eles pulam, andam, matam, lutam e não ficam presos a terminais. Eles são bem interessantes. Nós os chamamos de

Proibida a comercialização desse material.

Animais. Como são muito diferentes entre si, dependendo de suas características receberam nomes individualizados. E, aparentemente, eles possuem programas comportamentais bem diversos. Nós tamb..."

"Por favor, digam logo se encontraram algo de útil".

"Não, não encontramos nada. Mas...", foi nesse momento que eles perceberam que eram observados por um verme.

Não... Ele não era um verme, era um Alguém. Seus olhos brilhavam, reluziam, como se vida houvesse sido soprada nele. Estava agitado, como se quisesse algo.

"Eu já sei, eu sei como ativar Armageddon!", disse o Alguém.

Eles o levaram ao Armageddon, carregando seu corpo sujo e pesado cuidadosamente, temendo que ele se desintegrasse caso desviassem a atenção por um segundo sequer.

Quando chegaram a Ônix, choraram, o Alguém e as Unidades, juntos.

TARDE DEMAIS.

MORREREMOS TODOS.

MAS, DEPOIS DA CHUVA,

VIRÁ VIDA.

Era o que estava escrito em Ônix.

Todos foram procurar um bom lugar para esperar suas mortes.

Fim